

O mito questionado: diálogos entre Platão e Philip Roth

Maria Rita Mazzucatto

Universidade de São Paulo (Doutoranda), Escola de
Comunicações e Artes, São Paulo, SP, Brasil
ORCID 0000-0003-1446-452X

Caio Henrique Trentini Urbano

Universidade de São Paulo (Mestrando em Ciências da
Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, SP,
Brasil
ORCID 0009-0007-6601-3495

Resumo

O presente artigo apresenta uma perspectiva sobre o questionamento dos mitos fundadores de uma determinada cultura, a partir da comparação entre a figura histórica de Sócrates, como retratado por Platão, e a personagem ficcional Oscar Freeman, de um conto de Philip Roth. Essa comparação é embasada na teoria de Mircea Eliade na conceitualização dos mitos, e na análise de Jean Pierre Vernant sobre o Mito e a Religião na Grécia Antiga. Ao fim da leitura deste texto, o que se pretende é apresentação da importância atemporal do livre pensamento e do questionamento dos mitos, aspectos fundamentais tanto na filosofia socrática quanto na narrativa de Philip Roth.

Palavras-chave

Mito; Philip Roth; Platão; Sócrates; Grécia Antiga.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo abordar, a partir de uma perspectiva filosófica e literária, o papel dos mitos e as possibilidades de questionamento e racionalização desses mitos. A temática se relaciona diretamente com o objetivo do estudo dos mitos e dos rituais, conteúdo essencial para a compreensão da sociedade contemporânea e, portanto, para a pesquisa em comunicação.

Para tanto, o texto se baseia em duas referências fundamentais, que permitem a comparação entre duas obras - uma filosófica e uma literária. Na conceitualização dos mitos, a referência são as teorias de Mircea Eliade (1972). E na percepção da função social desses mitos em uma determinada sociedade, as análises de Jean Pierre Vernant (2006) acerca dos mitos na Grécia Antiga são indispensáveis.

A partir dessas bases teóricas, pretende-se relacionar, brevemente, o diálogo "A Apologia de Sócrates", de Platão (2008), que retrata a acusação enfrentada por Sócrates na Atenas do século V a.C, e o conto "A Conversão dos Judeus", do autor americano Philip Roth, publicado em 1959. Desse modo, a estrutura deste texto se baseia, em primeiro lugar, na definição dos mitos para, então, apresentar sua importância na sociedade grega clássica. E, enfim, relacionar o texto de Platão e de Roth, separados por aproximadamente 2400 anos, à luz de um posicionamento questionador, por parte das personagens principais de seus livros, perante os mitos e as autoridades religiosas e políticas de suas épocas.

2 O mito

A palavra *mito* é muitas vezes interpretada como sinônimo de mentira ou de ficção na sociedade contemporânea (Abel, 2005). A ideia de que o mito representa uma narrativa falsa e ilusória é muito presente no imaginário coletivo atual, que frequentemente utiliza o termo com intenções pejorativas, ou como indicativo de uma crença infundada e primitiva, como se o mito fosse a antítese do conhecimento.

Na perspectiva do romeno Mircea Eliade (1972), os mitos adquirem outra dimensão, ligada às narrativas fundadoras de uma determinada cultura. Para Eliade, a função do mito se relaciona diretamente com os ritos - processos ritualísticos que compõem a dimensão do sagrado. A repetição dos ritos, bem como a história narrada por meio do mito, conferem aos membros de uma cultura a condição de conhecedores da realidade que os cerca.

Na definição proposta por Eliade, o mito tem como principal função narrar as origens da "criação", do princípio:

O mito conta uma história sagrada; ele retrata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. (ELIADE, 1972, p.11)

Apesar de estarem mais ligados às sociedades antigas, cuja cultura era intrinsecamente vinculada às narrativas mitológicas - como na civilização Helenística, ou como em comunidades de povos originários - o conceito de mito postulado por Eliade está presente nas culturas contemporâneas, principalmente nas de religião monoteísta.

Nessas religiões - em especial no judaísmo, no cristianismo e no islamismo - o mito ocupa um papel fundamental, sobretudo na sua relação com o indivíduo que se insere na religião:

Para o *homo religiosus*, o essencial precede a existência. Isso é verdadeiro tanto para o homem das sociedades “primitivas” e orientais como para o judeu, o cristão e o muçulmano. O homem é como é hoje porque uma série de eventos teve lugar *ab origine*. Os mitos contam esses eventos e, ao fazê-lo, explicam-lhe como e por que ele foi constituído dessa maneira. Para o *homo religiosus*, a existência real, autêntica, começa no momento em que ele recebe a comunicação dessa história primordial e aceita as suas consequências. É sempre uma história divina, pois as personagens são os Entes Sobrenaturais e os Ancestrais Míticos. (ELIADE, 1972, p.85)

A definição de mito de acordo com Eliade, bem como a apresentação de seu papel fundador nas religiões monoteístas, são relevantes por dois motivos: o primeiro, para conceitualizar o termo *mito* que aqui será empregado, o livrando das concepções depreciativas que a palavra recebeu ultimamente. E, em segundo lugar, para rebater a ideia, presente no senso comum, de que a sua influência se restringe às sociedades antigas, e de que sua função social se esgotou com o passar dos séculos. Pelo contrário, os mitos mantêm sua importância e continuam sendo a base de muitas culturas até hoje.

3 O mito na Grécia Antiga

Dentre as sociedades antigas profundamente marcadas pelo mito, talvez a mais conhecida seja a Grega. Na Grécia Antiga, a função social e relevância dos mitos ocupavam uma posição central na sociedade. O conjunto de narrativas que compõem a conhecida e referenciada Mitologia Grega, que espalha seus frutos em toda civilização ocidental até os dias atuais, possuía um lugar de destaque não apenas religioso, mas também cívico e político naquela sociedade.

É isso que afirma o filósofo e historiador francês Jean Pierre Vernant, em sua obra "Mito e Religião na Grécia Antiga" (2006). Uma de suas principais teses é de que a religiosidade grega, circunscrita na Polis, representava mais do que o aspecto religioso da cultura de um povo - que pode ser percebida em um primeiro momento a partir da perspectiva contemporânea sobre o papel da religião.

A própria dimensão politeísta da religiosidade grega se apresenta como um desafio para sua compreensão contemporânea, visto que sua interpretação no tempo presente muitas vezes parte de uma perspectiva das religiões monoteístas (Vernant, 2006). As narrativas mitológicas sobre as origens dos deuses gregos, que remontam a textos clássicos como a "Teogonia", de Hesíodo (1995), não se originam a partir de uma revelação. Como não existe a revelação como símbolo da verdade, a crença nos mitos parte justamente de sua existência - de sua presença no tecido social e na sua condição cívica fundamental.

De modo geral, é possível afirmar que as divindades gregas, que constituem a mitologia, são representantes das potências humanas. Os deuses possuem as características humanas em uma potência superior e imortal, e interferem diretamente na realidade. Esta condição da cultura grega é determinante para a importância dos ritos, que também apresentavam uma dimensão de cidadania, já que os deuses influenciavam o curso da história - de acordo com suas vontades, caprichos e desejos - e eram cultuados por meio dos rituais e sacrifícios feitos pelos humanos.

Na sociedade grega, a crença nos mitos extrapolava o sentido religioso e constituía uma condição fundamental para a vida em sociedade. Os mitos fundadores daquela cultura, bem como os ritos que se estabeleciam e se relacionavam com as narrativas mitológicas, adquiriam um sentido de cidadania. Para que o indivíduo pertencesse àquela comunidade, era mandatório que os ritos e os mitos fossem por ele respeitados e professados:

A religião grega não constitui um setor à parte, fechado em seus limites e superpondo-se à vida familiar, profissional, política ou de lazer, sem confundir-se com ela. Se é cabível falar, quanto a Grécia arcaica e clássica, de "religião cívica", é porque ali o religioso está incluído no social e, reciprocamente, o social, em todos os seus níveis e na diversidade dos seus aspectos, é penetrado de ponta a ponta pelo religioso. (VERNANT, 2006, p.7)

É interessante observar que essa condição da religião grega exposta por Vernant de fato se apresenta em textos históricos, como é o caso da "Apologia de Sócrates", diálogo clássico de Platão, no qual Sócrates - um dos fundadores da filosofia ocidental e mestre de Platão - é acusado publicamente e condenado à morte pela justiça ateniense. Dentre as acusações sofridas pelo filósofo, uma delas representa fielmente a relevância da mitologia na Grécia Antiga: Sócrates é acusado, por Meleto, de negar a existência dos deuses da cidade de Atenas.

Dada a importância da religiosidade grega, a acusação enfrentada por Sócrates - que também era acusado de corromper a juventude da cidade - ganha de fato a magnitude do crime que lhe foi imputado. Se os mitos constituem esse papel que transborda por todas as esferas da sociedade, é latente que, ao negá-los, Sócrates negava as bases daquela cultura.

É claro que, tendo em vista o texto de Platão - que fora escrito em 399 a.C, portanto há pouco menos de 2500 anos - pela luz da história, as acusações a Sócrates na realidade tinham outras origens, ligadas principalmente ao fato de que a presença do filósofo na comunidade ateniense incomodava certos cidadãos da pólis. Em mais uma lição legada pela literatura grega, o livre pensamento socrático era rechaçado por alguns membros da cidade, que se viam ameaçados pelos questionamentos filosóficos.

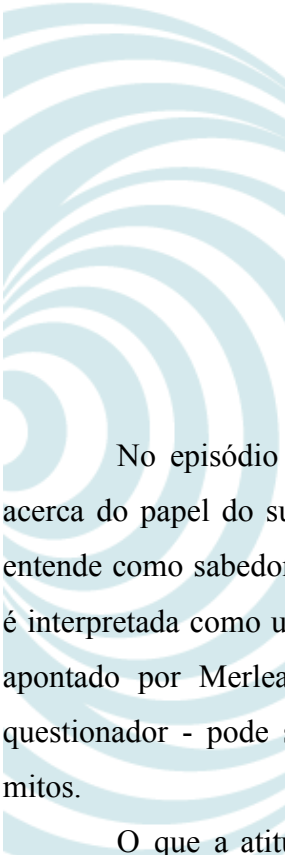
Em resposta às acusações, Sócrates é categórico:

Mas aquilo que dizia anteriormente - que contra mim surgiu muito ódio, e junto a muitos -, fiquem sabendo que é verdade. E é isso que me condenará, se é que vai mesmo me condenar: não Meleto, nem Anito, mas a calúnia e a inveja de muitos! Coisa que a muitos varões, belos e bons, tem condenado e ainda vai (penso eu) condenar; não há perigo algum de que pare em mim. (PLATÃO, 2008, p.86)

As acusações contra Sócrates de fato foram aceitas pelo tribunal ateniense, e a pena ao filósofo foi definida: ou o exílio, ou o auto-envenenamento - portanto o suicídio - por cicuta. Sócrates optou pela segunda. A intransigência do filósofo quanto ao seu método filosófico questionador se refletiu também no seu compromisso perante as decisões da Pólis. Na sua perspectiva, esse compromisso era também mitológico, ligado aos deuses (PLATÃO, 2008).

Quando fora indicado pelo Oráculo de Delfos como homem mais sábio de Atenas, Sócrates passou a questionar pretensos sábios pelas ruas da cidade, a princípio buscando a evidência de que outro seria o mais sábio. A conclusão, entretanto, que ficou marcada na história da filosofia, foi a de que Sócrates na verdade era o mais sábio justamente por reconhecer suas limitações, ao passo que os que se julgavam sábios na realidade não sabiam que não o eram.

Nesse caso, a própria atuação filosófica de Sócrates é proveniente da vontade dos deuses - a partir da declaração do Oráculo. Assim, o filósofo cumpria a missão a ele entregue por Apolo, o deus do Oráculo de Delfos, ao sair pelas ruas de Atenas questionando aqueles que se julgavam sábios. Sua filosofia, na realidade, era a real cumpridora das leis da Pólis e dos seus mitos fundadores, como aponta Merleau-Ponty:



É no universo do filósofo que se salvam os deuses e as leis, compreendendo-as, e, para fazer baixar à terra o plano da filosofia, foram justamente precisos filósofos como Sócrates. Para os outros, religião interpretada é religião suprimida; a impiedade é o ponto de vista dos outros sobre ele. Indica razões para obedecer às leis, mas ter razões para obedecer é demais; a essas razões outras se opõem e o respeito desaparece. O que esperam dele é o que ele lhes não pode dar: a concordância sem considerações. Ele, pelo contrário, comparece perante os juizes para lhes explicar o que é a Cidade. Como se eles não soubessem, como se eles não fossem a Cidade. Não defende a sua causa, mas a de uma cidade que aceitasse a filosofia. Inverte os papéis e diz: não me defendo a mim, mas a vós. No fim das contas, a cidade é ele, e os outros é que são os inimigos da leis, os outros é que são julgados e ele é que é o juiz. Inversão inevitável do filósofo, pois ele justifica o exterior pelos valores que vêm do interior. (MERLEAU-PONTY, 1986.)

No episódio de sua condenação, Sócrates, portanto, desafia alguns preceitos acerca do papel do sujeito que crê nos mitos, e ao mesmo tempo transfigura o que se entende como sabedoria. Muitas vezes, uma atitude questionadora, como a de Sócrates, é interpretada como uma afronta às narrativas fundadoras de determinada crença. Como apontado por Merleau-Ponty, a racionalização filosófica - ou de livre pensamento questionador - pode ser encarada como a supressão da religião e a negação dos seus mitos.

O que a atitude de Sócrates retratada por Platão apresenta é, na realidade, o oposto: o pensamento questionador acerca dos mitos é o que, de fato, os mantém atuantes. A própria atuação do filósofo na antiga Atenas é reveladora nesse sentido, à

medida que seus atos eram o cumprimento da ordem - e da indicação - do deus Apolo, a partir do Oráculo de Delfos. Essa interpretação proposta por Merleau-Ponty, contudo, não é a dominante quando se trata dos mitos e das religiões com base neles professadas, na Grécia Antiga e na sociedade contemporânea. Muitas vezes, o questionamento é encarado como afronta, negação ou supressão dos mitos, quando na realidade é o caminho para sua salvação, nas palavras do filósofo francês.

De modo geral, se é possível extrair um ideal, dentre os inúmeros deixados pelos filósofos gregos, a partir da postura de Sócrates - perante o sagrado e também perante a comunidade que se reúne em torno dos mesmos mitos -, é justamente esse posicionamento: a valorização da dúvida e do livre pensamento, mesmo que, à primeira vista, ela se assemelhe à negação dos mitos e incomode os seus defensores. É justamente essa lição proveniente da filosofia socrática que se reflete na personagem principal de "A Conversão dos Judeus", de Philip Roth.

4 O questionamento do mito em *A Conversão dos Judeus*, de Philip Roth

Logo na sua estreia como escritor, Philip Roth - prolífico romancista norte-americano de origem judaica - já indicava para onde suas histórias caminhariam ao longo de sua extensa carreira. A temática dos judeus dos Estados Unidos, traço determinante em todo o *corpus* de sua produção literária, já era a principal no conjunto de contos "Adeus, Columbus" (2006), publicado em 1959.

Para além da narrativa que dá nome à obra, um conto curto, simples e objetivo que compunha o livro - que muitas vezes passa despercebido aos leitores de Roth - possibilita uma interessante reflexão sobre o papel dos mitos na religião: trata-se de "A Conversão dos Judeus". Em especial na comunidade em que o autor foi criado - dos judeus vindos da Europa que migraram para a América na primeira metade do Século XX -, a religião era o aspecto unificador.

A má fama de Roth perante a comunidade judaica, que sempre o acompanhou nas primeiras décadas de sua carreira (PIERPONT, 2015), era fruto de sua literatura crítica dos costumes e da comunidade judaica em geral. No caso de "A Conversão dos Judeus", esse posicionamento do escritor toma a forma de um manifesto a favor do livre

pensamento, aos moldes da filosofia de Sócrates. E também como representação da realidade dos judeus assimilados, como são chamados aqueles que adaptam sua cultura ao meio em que estão inseridos. Nesse caso, à cultura norte-americana da primeira metade do século XX.

O enredo do conto é simples: Oscar (Ozzie) Freeman, um jovem de 13 anos de família judaica, se questiona sobre alguns dogmas da religião na qual era criado. Frequentador de uma escola judaica, seu professor era o rabino Binder, uma figura de autoridade religiosa tanto para seus alunos quanto para seus pais.

O primeiro desses questionamentos de Ozzie, que foi a semente para a irrupção questionadora que viria, era derivado justamente desse contexto de assimilação cultural dos judeus na América. O menino se questionava como os judeus poderiam ser o "povo eleito por Deus", como seu professor afirmava nas aulas, se a Constituição dos Estados Unidos afirmava que todos os homens são iguais. Contradição simples, porém evidente, para a qual o rabino valeu-se de sua autoridade para silenciar - e convocar a mãe de Ozzie para uma conversa a sós.

Entretanto, a pergunta derradeira feita por Ozzie foi outra. Ao se deparar com a fé cristã - que professa que Jesus Cristo é filho de Deus e foi gerado sem relações sexuais com Maria, sua mãe -, o menino questiona o rabino sobre a figura de Jesus. A resposta do professor era direta, mas também silenciadora: Jesus fora apenas uma figura histórica, como qualquer outro ser humano.

As afirmações de Binder, é claro, não foram suficientes para interromper o fluxo de reflexões e questionamentos daquele jovem judeu aos 13 anos de idade. Então, durante uma aula, após a negação da resposta por parte do rabino, Ozzie afirma que, na realidade, o professor não sabe de nada sobre Deus. O pensamento do aluno sobre a concepção de Jesus era claro, e se baseava diretamente em um dogma religioso do judaísmo - de que Deus era onipotente. Ora, se Deus é onipotente e criador do mundo, ele poderia ter gerado um filho sem relações sexuais.

O episódio do enfrentamento de Ozzie ao seu professor-rabino, uma figura de autoridade religiosa e educacional, acabou em uma agressão do docente ao seu aluno. Agredido por Binder e com o nariz sangrando, o menino então corre, sobe as escadas do prédio da escola e chega ao telhado. De lá, com a porta que dá acesso ao terraço

trancada, ameaça se jogar diante do grupo de alunos, e também do professor, que se aglomeravam na calçada logo abaixo e reagiam de forma diversa às ameaças de Ozzie - o professor suplicava de joelhos para que ele descesse, enquanto seus colegas debochavam da situação.

É neste ponto, no clímax do conto de Roth, que o questionamento do mito religioso judaico atinge seu ápice: para que ele desista do suicídio, Ozzie quer ouvir do rabino que Deus pode gerar um filho sem relações sexuais, já que é onipotente, e que Jesus Cristo é filho de Deus. Ao lado da mãe do menino, que se juntou à multidão que assistia às suas ameaças, Binder finalmente dá o braço a torcer:

"Rabino?"

"Sim, Oscar."

"Rabino Binder, o senhor acredita em Deus?"

"Sim."

"O senhor acredita que Deus pode fazer Qualquer Coisa?" Ozzie debruçou-se, espichando a cabeça na escuridão. "Qualquer Coisa?"

"Oscar, acho que..."

"Me diz que o senhor acredita que Deus pode fazer Qualquer Coisa."

Houve um segundo de hesitação. Então: "Deus pode fazer Qualquer Coisa."

"Me diz que o senhor acredita que Deus pode fazer uma criança sem relações."

"Pode."

"Me diz!"

"Deus", admitiu o rabino Binder, "pode fazer uma criança sem relações."

"Mamãe, diz isso a senhora."

"Deus pode fazer uma criança sem relações", disse sua mãe. [...]

Em seguida, Ozzie fez todo mundo dizer o mesmo. E então fez com que todos dissessem que acreditavam em Jesus Cristo - primeiro, um de cada vez; depois, todos juntos.

Quando terminou o catecismo, a noite já começara. (ROTH, 2006, p. 152 - 153)

A atitude de Ozzie Freedman se assemelha à filosofia socrática em dois pontos: o primeiro, na autonomia do pensamento individual e na posição questionadora; e o segundo, na intransigência perante as figuras de autoridade, mantendo inabaladas suas convicções pessoais. Quando comparado ao diálogo da Apologia, de Platão, essas similaridades ganham mais um contorno, que se relaciona justamente com o papel e a importância dos mitos na sociedade e na religião. Se Sócrates era acusado de negar os mitos da cidade, Oscar coloca os dogmas do judaísmo em cheque, com base em uma premissa da própria religião - a onipotência de Deus.

Entretanto, a particularidade do conto de Philip Roth reside justamente neste último ponto. Em "A Conversão dos Judeus", a figura de autoridade moral e religiosa, o rabino Binder, é quem nega um mito fundamental para sua crença. Ao assumir, perante a chantagem feita por Ozzie, que Jesus é filho de Deus, o rabino renega a tradição do judaísmo e se transforma em um cristão.

É evidente que a personagem do rabino não mudou efetivamente suas convicções religiosas naquele momento. Contudo, a afirmação, mesmo que desacreditada, contradiz um aspecto elementar do judaísmo - um mito fundador de uma religião na qual ele é a autoridade máxima naquela comunidade -, e é justamente essa contradição que representa a vitória de Ozzie, e portanto também do livre pensamento a respeito dos mitos.

Ironia proposital ou não, o conto de Roth e o diálogo de Platão também possibilitam mais uma comparação. Enquanto Sócrates foi condenado ao suicídio por negar os deuses - e portanto os mitos - da cidade, o rabino Binder nega sua religião - e seus mitos - para evitar o suicídio de Ozzie. Relação oposta, mas representativa de um mesmo posicionamento: a defesa do pensamento crítico e da racionalização dos mitos, como exposto por Merleau-Ponty.

5 Considerações finais

A comparação entre a filosofia de Platão e o conto de Philip Roth, tendo como base os conceitos de Eliade e Vernant, elucida um aspecto essencial - e muitas vezes subjugado - na relação do sujeito com os mitos fundadores da cultura em que ele se insere. Esse aspecto é o da importância do livre pensamento e da autonomia do indivíduo, que não deve se curvar às autoridades e às narrativas estabelecidas em determinada cultura.

No campo da comunicação, esse posicionamento livre é essencial. A filosofia socrática e o *éthos* de Ozzie Freeman ensinam que a observação da realidade deve ser autônoma e livre, e que o questionamento nunca é prejudicial - nem mesmo quando é dirigido a um mito fundamental na cultura. Além dessa postura, a não conformidade com as autoridades estabelecidas e a confiança nas próprias convicções e princípios

também são essenciais para a atuação intelectual esclarecida, como descrita por Kant em sua célebre "Resposta à pergunta: que é Esclarecimento?" (1985).

É possível também concluir que certas temáticas sociais e humanas permanecem ao longo da história. Mesmo com a discrepância temporal entre os textos de Platão e Philip Roth, separados por aproximadamente 24 séculos, a relevância dos mitos e da religião nos dois textos é primordial, assim como é atemporal a importância do pensamento questionador e a defesa dos princípios pessoais.

Referências

- ABEL, Brutus. **Mircea Eliade e o mito**. São Paulo: Kaliope, ano 1 n.1, 2005.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Elogio da Filosofia**. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.
- KANT, Immanuel. Textos Seletos. **Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?** Petrópolis: Editora Vozes, 1995.
- PIERPONT, Claudia R. **Roth Libertado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- PLATÃO. **A Apologia de Sócrates**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.
- ROTH, Philip. **Adeus, Columbus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

The myth questioned: dialogues between Plato and Philip Roth

Abstract

This article presents a perspective on the questioning of the founding myths of a given culture, based on the comparison between the historical figure of Socrates, as portrayed by Plato, and the fictional character Oscar Freeman, from a short story by Philip Roth. This comparison is based on Mircea Eliade's theory on the conceptualization of myths, and on Jean Pierre Vernant's analysis of Myth and Religion in Ancient Greece. At the end of this text, the aim is to present the timeless importance of free thought and the questioning of myths, fundamental aspects of both Socratic philosophy and Philip Roth's narrative.

Keywords

Myth; Philip Roth; Plato; Socrates; Ancient Greece.

Como citar

MAZZUCATTO, Maria R; URBANO, Caio H. T. O mito questionado: diálogos entre Platão e Philip Roth. **Interfaces da Comunicação**, [S. l.], v. 2, n. 4, 2024, p. 1-12.

Recebido em: 1/7/2024.

Aceito em: 1/8/2024.

